

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

**LEITURA: UM PROCESSO INTERDISCIPLINAR DE PRAZER, INTERESSE E
INTERAÇÃO**

RUTH LEUDA DA SILVA RIBEIRO

FORTALEZA
JUNHO / 2005

RUTH LEUDA DA SILVA RIBEIRO

**LEITURA: UM PROCESSO INTERDISCIPLINAR DE PRAZER, INTERESSE E
INTERAÇÃO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informática / UFC como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, Curso de Pós-Graduação em Leitura e Formação do Leitor.

ORIENTAÇÃO: PROFa. MSc. RUTE BATISTA DE PONTES

FORTALEZA

2005

RUTH LEUDA DA SILVA RIBEIRO

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, como parte das exigências necessárias ao título de Especialista, outorgado pela Universidade Federal do Ceará.

Monografia aprovada em 30 de Junho de 2005

Ruth Leuda da Silva Ribeiro

Profa. MSc. Rute Batista de Pontes

Profa. Orientadora

Conceito:_____

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por me haver concedido sabedoria e saúde para a realização deste trabalho.

A Antônio Ribeiro, meu pai, in memoriam, batalhador, honesto e amigo. Minha eterna gratidão por seus ensinamentos que, com carinho, ensinou-me a lutar pelos meus objetivos.

À Rocicler Ribeiro, minha mãe, mulher vencedora, dedicada e amorosa.

À Maria Lourdes Ribeiro, minha avó, por suas orações.

À Professora MSc, Ruth Batista de Pontes, a minha gratidão pelo comprometimento, compreensão e dedicação na realização deste trabalho que, sem a sua importante ajuda, não teria sido concretizado.

Ao professor Gomes, por seu apoio dado durante a realização do trabalho.

E a todos que, indistintamente, contribuíram na elaboração desta monografia.

DEDICATÓRIA

A Deus, sentido último de todo falar, pensar,
conhecer e agir.

*A educação sempre teve esse objetivo: formar o homem para assumir-se integralmente, portanto, autogovernar-se de governar. A autogestão é a tradução moderna da 'paidéia'. Só que hoje, com a divisão da sociedade, só uma parcela está sendo formada para o comando, só uma elite está sendo formada para a autogestão. Falta torná-la **coletiva**. E isso só será possível com a democratização da sociedade.*

Moacir Gadotti

RESUMO

Intenta-se desenvolver uma abordagem sobre a problemática da Leitura, entendida como um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação. Discute-se a necessidade de se rever práticas pedagógicas no espaço da Escola que visem a estimular e trabalhar o ato de ler com os educandos. Defende-se a leitura de forma significativa para o aprendiz e como possibilitadora de abrir-lhe o conhecimento de outros mundos, oportunidades na vida e crescimento de sua própria pessoa. Deste modo, procurou-se ao longo de todo estudo o estudo trabalhar a leitura a partir de uma perspectiva social. Discorre-se sobre a função da escola e sua responsabilidade em aperfeiçoar as habilidades já adquiridas, enfatizando que o grande desafio é mostrar a leitura como momento de conscientização e discussão de temas da vida humana. Os alunos desenvolvendo a habilidade da leitura crítica devem se tornar sujeitos de sua própria história. Deste modo procurou-se ao longo do estudo trabalhar a leitura a partir de perspectiva social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - A LEITURA E SEUS CAMINHOS	10
1.1. Motivando o aluno para a construção da leitura.....	13
1.2. O Desafio da Leitura.....	17
1.3. A Importância da Leitura.....	19
1.4. A Leitura e a Escola.....	21
CAPÍTULO II – A LEITURA COMO REFERENCIAL BÁSICO DA QUALIFICAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	25
2.1. O gosto pela Leitura	25
2.2. Leitura e Conscientização.....	29
2.3. O sentido da leitura para a vida	35
CAPÍTULO III - POLÍTICA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO E O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR	36
CAPÍTULO IV - A LEITURA COMO CONDIÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA ATIVA	40
4.1. O Surgimento da Ética.....	42
4.2. A leitura de mundo e a participação cidadã.....	44
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE	50

INTRODUÇÃO

O que é ler? Como tornar a leitura um processo interdisciplinar? Por que a leitura muitas vezes não é um ato prazeroso?

Para tentar responder estas perguntas, assim como para pesquisar a importância da leitura como um processo interdisciplinar, o trabalho partiu da idéia da leitura vista de uma perspectiva social do ato de ler.

Fazer uma pesquisa sobre a leitura como um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação significa, dentre outras possibilidades, analisar até que ponto a leitura na escola é um ato prazeroso. Esta inquietação surgiu da experiência da Autora vivida em sala de aula, como professora de séries do ensino fundamental. Ora, aqui interessa, também, conhecer as dificuldades de leitura enfrentadas pelos alunos e os indivíduos de um modo geral, sempre apontando para pensar esse ato como algo que pode emancipar o ser humano, torná-lo capaz de dialogar com a História, protagonista de seu próprio destino.

Buscou-se um aprofundamento cuidadoso e sistemático, organizado e teórico que, ao falar da experiência do ato de educar, insere uma maior e melhor compreensão do ato de ler, em sala de aula ou, na experiência cotidiana nos diversos ambientes sociais. A abordagem da leitura como um processo que a criança vai adquirindo pouco a pouco, coloca-o diante de diversos tipos de produção escrita no seu dia-a-dia, tais como rótulos de embalagens, cartazes de rua, jornais, livros, sem relegar a apreensão de experiências através do conhecimento da realidade que o cerca muitas vezes, vivida pela história contada pelos pais e avós. Sob esta óptica considera-se a oralidade como uma grande aliada no processo de formação do leitor. São contatos a encorajam e propiciam a formulação de uma concepção muito própria sobre o qual ela representa no ambiente onde está inserida, bem como o que representa o mundo ao seu redor. Sabe-se, que hoje os educandos adquirem conhecimentos não somente porque adultos as ensinam, mas também porque são, antes de tudo seres pensantes que têm idéias próprias sobre todas as situações e objetos que os cercam.

Muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor. Ao longo dos

capítulos uma das idéias básicas deste estudo consiste em explicitar a necessária importância que a leitura tem em nossas vidas. Ler é questionar, investigar, descobrir, conhecer, criar, comparar, aprofundar idéias e conhecimentos. Mas para que isto ocorra, precisa-se arquitetar toda uma situação que favoreça a formação do gosto pela leitura; que esta seja vista como ato prazeroso, que a realiza e faz bem. Na maioria das vezes, na sala de aula o aluno não tem interesse em ler, não vê a leitura com prazer. Ora, tudo isso influencia na aprendizagem, dificultando a evolução e a assimilação dos conteúdos das diversas disciplinas do currículo escolar. Para que esse aprendizado aconteça de modo real é necessário não só, professores preparados mas, sobretudo, que sejam leitores autônomos, senhores de suas próprias leituras. Assim, poderão oferecer aos seus educandos oportunidades ricas e variadas de interagir com a palavra escrita.

As crianças desde que nascem são construtoras de seu próprio conhecimento; procuram compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Deste modo estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles, como já aludido anterior em outra parte deste discurso.

É tarefa não só do professor de Português, mas de todo e qualquer professor em sala de aula, empenhar-se em fazer com que os alunos compreendam a leitura como um processo interdisciplinar, prazeroso, interessante e interativo, onde aconteça a socialização dos saberes e a igual participação dos sujeitos aprendizes.

Este trabalho, na finalidade a que se destina poderá indicar algumas trilhas para todos quantos buscam uma educação emancipatória, especificamente, no seu processo de construção da leitura. Pretende-se, pois, uma ressignificação pedagógica docente desenvolvida no espaço da sala de aula e uma maior compreensão do significado da leitura para a sociedade humana.

CAPÍTULO I - A LEITURA E SEUS CAMINHOS

Instigada por alguns questionamentos considerados vitais a uma práxis pedagógica transformadora, decidiu-se por tecer uma reflexão que possa servir de fio condutor para as discussões que possam contribuir para um novo rumo no ambiente escolar, na qual a Autora exerce o seu fazer educacional.

Para tanto, valeu-se de subsídios teóricos que contemplam a educação do ser humano na sua totalidade. Dentre esses, elegeu-se o Relatório Delors, solicitado pela UNESCO a especialistas nessa área de onde retirou-se o que se pode chamar de essência do relatório, ou seja: os quatro parâmetros traçados para a educação no século XXI: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer.

Como bem coloca Trevisol (2003, p. 7),

Não ter uma visão profunda e ampliada do que é ser humano é não saber para que direção apontar e desconhecer o que poderia impedir o processo educacional de quem está em via de educação.

É, pois, neste sentido que se investe na discussão da educação como parte da necessidade de se rever práticas pedagógicas no espaço da Escola que visem novos horizontes. E nesses horizontes está incluída a leitura na diversidade das formas em que se apresenta.

A escola tem um papel fundamental no processo de formação do leitor. O professor é visto como mediador, como facilitador nessa trajetória de apreensão de conhecimentos com vistas ao sucesso posterior dos indivíduos. Como diz Freire (2000, p. 24), para que o professor desenvolva com sabedoria sua prática educativa, estimulando o aluno à leitura é preciso que esse conheça alguns saberes necessários à sua prática como educador, sobretudo, numa prática que pretenda ser educativo-crítica. “A reflexão crítica sobre a prática

se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Na perspectiva de Freire (2000), o professor deve considerar a criança ao ser introduzida na escola, no mundo da leitura já trazendo de casa alguma “bagagem” de conhecimento fruto de suas experiências cotidianas. Os dois – professor e aluno imbricam-se num momento de mútuo aprendizado. Não é só professor que ensina. Não é só o aluno que aprende, ambos aprendem juntos.

É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* (grifo do Autor) é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 2000, p. 25)

Evidentemente que quando Paulo Freire coloca tais idéias, lança, portanto, novos paradigmas para a escola e para todos que dela fazem parte. Somos todos formados num processo de inter-relação constante. Ninguém educa ninguém. Todos nos educamos em comunidade, no processo de socialização e de diálogo. Aqui, é claro, coloca-se a necessidade da escola discutir sua função e sua responsabilidade em aperfeiçoar as habilidades já adquiridas, bem como levar à aquisição de outras habilidades.

Fala-se que o grande desafio é mostrar a leitura como momento de conscientização e discussão de temas da vida humana. A afirmação-chave para a construção de toda a reflexão do presente trabalho é que: a leitura do mundo precede a leitura da gramática. A leitura da gramática jamais significa ruptura com a leitura do mundo. Os alunos desenvolvendo a habilidade da leitura crítica devem se tornar agentes de sua própria história, construtores de um mundo marcado por uma nova ética, a ética da justiça e da liberdade, da cidadania e da democracia. Ora, um indivíduo com tal educação e, portanto, possuidor de um bom domínio de leitura será capaz de se dá conta da “necessidade da promoção de um conhecimento onde se pergunte e se indaga sobre os problemas globais e fundamentais e neles inserir os conhecimentos parciais e locais” (MORIN, 2000, p. 14).

Como dito anteriormente, ler é questionar, investigar, descobrir, conhecer, criar, comparar, aprofundar idéias e conhecimentos. Portanto, é preciso o devido estímulo para desenvolver o gosto pela leitura e fazer disso algo cotidiano e enriquecedor. “Os

educadores precisam ser criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 2000, p. 29). O educador não pode assumir a posição de alguém que está apenas para transferir conceitos e idéias. Deve ser alguém que ajude a criança a aprender criticamente e, para essa construção e reconstrução do saber, aluno e professor devem colocar-se na condição de parceiros, iguais.

Para tanto é necessário trabalhar no aluno a curiosidade como superação da ingenuidade, ou seja, deve-se buscar nos alunos o despertar da curiosidade epistemológica.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2000, p. 35)

É importante trabalhar o letramento de nossas educandos levando em conta a condição humana. Despertar no aluno o sentido, onde quer que ele se encontre tome conhecimento da consciência de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os seres humanos (MORIN, 2000: p. 15). O aprendiz precisa crescer tendo uma visão ampla e integrada de que ele é um todo, que está ligada ao Cosmos, que há uma permanente relação de uns com os outros, sendo indispensável essa identificação comum com a espécie, a fim de que ela possa se desenvolver, adequadamente, dentro dos processos e situações que se lhes ofertam.

Deste modo, a criança vai descortinando o seu grande-pequeno universo e, assim, construindo objetos complexos de conhecimento; e o sistema de escrita é um deles. “A educação deve levá-la [...] a aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza”. (MORIN, 2000, p. 16). Neste processo insere-se o letramento a partir da perspectiva educativo-crítica que deve levar o aluno a compreender a educação como ferramenta indispensável para a compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos. “A compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, que estranhos, é daqui para a frente vital para que as relações humanas saiam de estado seu bárbaro de incompreensão.” (MORIN, 2000, p. 17).

O professor deve empenhar-se bastante em fazer com que os alunos compreendam a leitura como um processo interdisciplinar (ou seja, em qualquer disciplina

pode ser trabalhada a leitura), prazeroso (agradável e rico), interessante e interativo, onde aconteça a socialização dos saberes e a igual participação dos sujeitos aprendizes.

1.1. Motivando o aluno para a construção da leitura

A motivação constituindo-se na busca do conhecimento social e historicamente construído é a alavanca através da qual o ser humano pode concretizar suas potencialidades tanto no plano individual como coletivo. É preciso que o professor compreenda o silencioso poder de redução que tem a leitura (PAES, 19 p.), empenhando-se em fazer com que os alunos sintam-se atraídos por ela. Que os façam entendê-la como um processo interdisciplinar interessante e atrativo onde aconteça a socialização, a religação dos saberes e que eles sejam protagonistas da sua própria aprendizagem.

É verdade que, hoje, a escola tem uma nova visão da aquisição do conhecimento. Além de aprender no convívio escolar, o aluno também trás de casa uma “bagagem” de conhecimentos que deve ser valorizada, respeitada e compreendida no dia-a-dia em sala de aula. A educação, a socialização e a cultura são processos sociais amplos que ocorrem independentemente da escola, embora, é claro, aparecem em seu interior. A escola além de ter a tarefa de transmitir os conhecimentos produzidos ao longo das transformações que ocorrem na história, deve, sobretudo, ter como preocupação a formação do aluno para a prática social, para a cidadania e, prepará-lo também para o mundo do trabalho, como reza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Art. 2º, parágrafo único, do Título I dos Princípios e fins da educação nacional).

É também importante que as pessoas adquiram esse conhecimento dentro desse contexto social e coletivo. A educação como processo faz com que o aluno passe por uma certa organização escolar, por uma instituição que tem uma estrutura, um funcionamento, enfim por pessoas autorizadas a cuidarem dela. A criança vivenciando tudo isso está aprendendo.

É importante sublinhar que a educação não acontece exclusivamente no ambiente escolar. Pelo contrário, a família é a primeira responsável, nesta tarefa especificamente humana. Assim essa empreitada requer ambientes estimulantes e criativos, que favoreçam o desenvolvimento da criança. Não existe educação sem interação, sem

comunicação, sem diálogo. A vivência entre os homens e as mulheres no cotidiano histórico é condição “sine qua non” para que esse processo se efetive. Para isso a educação deve,

[...] conduzir à *antropo-ética* (grifo do autor), levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/espécie. [...] A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo o desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2000, p. 17)

Enfatiza-se, pois, que é preciso considerar o homem, diferentemente de outros animais que são passíveis apenas de serem adestrados. O animal homem este não nasce com suas capacidades desenvolvidas. É no transcorrer da vida, pelas relações que estabelece com os seus semelhantes, no processo de socialização, que ele as desenvolve. Uma das razões pelas quais isso ocorre é que o ser humano mantém, enquanto vive, a capacidade de aprender e de ensinar, de transmitir, mas também de produzir e modificar, o conhecimento e a cultura. A educação está ligada diretamente a esta capacidade, é parte do processo de socialização que humaniza o homem, propiciando o seu desenvolvimento, na totalidade do seu ser.

Como característica fundamental do ser humano pode-se mencionar a sua capacidade de abrir-se para o desenvolvimento; para uma pluralidade de possibilidades no intuito de concretizar suas potencialidades. Ele é um ser que está sempre atento para conquista de ser, a fim de realizar-se como pessoa portadora de uma dignidade.

Contudo, embora a educação aconteça em todas as sociedades, não se apresenta nelas de forma única. O que há, de fato, são fazeres pedagógicos cujos conteúdos na vida dos homens, direcionam-se para atenderem suas necessidades e angústias, condições de trabalho e realidades humanas em contextos sociais também específicos.

O processo de socialização educativa dos seres humanos não termina com a inserção deles, quando criança, na sociedade. A socialização educativa é algo permanente, que progressivamente passa a fazer parte do conjunto de experiências do indivíduo. Também não é “ensinar, não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma

postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos”. (FREIRE, 2000, p. 54).

Para que o professor reúna condições de por em prática esta proposta são necessários alguns pré-requisitos, entre os quais uma concepção de leitura que vá ao encontro das necessidades do educando e que esteja dentro do que defende Freire. Isto inclui, também, uma mudança radical na postura do professor. Um novo olhar para o fazer educativo.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, ainda valendo-se de Freire. Portanto, no ato de ajudar o aluno a tornar-se um leitor autônomo é próprio do educador colocar-se na atitude de “disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo”. (FREIRE, 2000, p. 39). O professor no desenvolvimento de suas atividades educativas, buscando otimizar a sua sala de aula e favorecer uma aprendizagem significativa, pode fomentar no aluno o desejo de tornar-se esse “leitor autônomo” de que se aludiu há pouco. “A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que esta consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena” (MORIN, 2000, p.18).

A leitura favorece essa realização , a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de formação para vida, principalmente, através do exercício intelectual.

Em um dado momento histórico em que se leva em consideração o reconhecimento da importância do desenvolvimento da leitura e da escrita é prioridade de alguns autores a postura do professor como incentivador de boas habilidades nessas áreas considerando os diversos níveis de idade.

Cabe-lhe valorizar o domínio da linguagem que permite expressar sensivelmente o conjunto de suas experiências, a partir da interação que estabelece com a realidade. Deve-se privilegiar o leitor crítico e criativo. Enfatiza-se ainda, que para desenvolver-se a leitura nas séries iniciais é necessário respeitar e estimular a expressão de leitura que a criança faz da realidade, criar situações que propicie a ela uma interação dinâmica com o texto.

O aprendizado da leitura envolve um aspecto relevante da formação das pessoas e que, muitas vezes, é subestimado durante os processos de ensino escolar, por exemplo: a não contribuição para que as crianças possam construir uma postura de leitores atentos e críticos em relação às idéias e informações que obtêm através dos textos.

Todo e qualquer professor deve estimular o aluno a ser um bom leitor. Efetivar a leitura com atribuição de significados e sentidos, compreensão e interpretação, ou seja, uma leitura em que o leitor é capaz de desprender-se do texto, sugerindo-lhe uma nova proposta. Isto acontece no plano da dialogicidade, onde autor, leitor, texto e contexto interagem para que, enfim, o leitor alcance a tão pretendida autonomia diante de um texto.

Aqui, pode-se considerar o caráter da interdisciplinaridade, tão amplamente difundida entre os educadores com vistas a melhorar a construção do conhecimento em sala de aula. A interdisciplinaridade é relevante no mundo de hoje pela complexidade do mundo e da cultura atual que leva a desentranhar os problemas com múltiplas lentes, tantas como as áreas do conhecimento existentes.

A interdisciplinaridade pressupõe que haja a superação do conhecimento meramente descritivo para captar conexões com outros saberes, na busca de uma aprendizagem significativa. É evidente, nessa perspectiva, que a leitura de textos e sua necessária compreensão pode ser realizada não só na disciplina de português, mas outras como Literatura, História, Geografia, ou melhor, toda e qualquer disciplina, haja vista que o aluno precisa se utilizar da linguagem escrita, dos signos e símbolos para falar do mundo e construir ciência.

O processo de letramento não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio indivíduo que não teve acesso ao conhecimento socialmente construído e historicamente sistematizado, somente ajustado pelo educador.

A nossa prática de alfabetização deve ser uma prática educativa emancipatória. Os alfabetizadores e alfabetizadoras devem contribuir no processo de destruição das relações opressoras que ainda permeiam em nossas salas de aula:

O grande desafio que se encontra na educação é justamente sermos capazes de interpretar as capacidades e a própria ação cognitiva não na forma linear, estável e contínua que caracteriza as práticas educacionais correntes [...]. Reconhecer o indivíduo como um todo integral e integrado [...] (D'AMBRÓSIO, 1999: 90).

Esta é a razão pela qual procura-se um método que seja capaz de se fazer instrumento tanto para o educando quanto para o educador, ou seja, que ambos se identifiquem através dele.

A educação nessa perspectiva considera as experiências do indivíduo; portanto, a sua capacidade transcende questões que envolvem a passividade e a reprodução, principalmente, tratando-se especificamente, do ato de leitura.

1.2. O Desafio da Leitura

Não há nada inocente na maneira com a qual os docentes se interrogam sobre o aprendizado da leitura (JOLIBERT, 1994, p.11). O processo de aprendizagem da leitura é muito complexo porque nele implica não só a capacidade intelectual, mas também fatores de ordem emocional, social, perceptual e psicológica.

Não há manual de leitura em nossas aulas e não existe a mais clássica sessão de leitura na chegada todas as manhãs. O que se fez então? Simples, naturalmente, lê-se a todo o momento durante o dia em função da vida na aula e na escola e dos projetos em curso É o que chamamos de situações de leitura para valer. Não se ler para aprender a ler (exceto nas atividades de sistematização, lê-se sempre por um interesse imediato). A vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura e, nosso problema está mais em encontrar tempo para tudo do que encontrar textos. (Ibidem, 31)

A aquisição da leitura deve acontecer numa relação de profunda interação professor-aluno, num processo de intercâmbio de idéias, de valores, de conhecimentos. A criança não pode ser vista como ser estático, que só recebe os conhecimentos. O educando precisa participar ativamente da descoberta dos significados dos símbolos gráficos. O conhecimento de seus significados é condição para o desenvolvimento cognitivo pessoal do indivíduo que está aprendendo, para atingir a qualidade de aluno letrado.

O processo de construção do conhecimento, particularmente a construção da leitura, exige reflexão, interação com o aluno, num clima de amorosidade, de mútua confiança e de respeito. Faz-se preciso entender e viver a idéia de que *a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade* (FREIRE, 2000, p.160). Como a aprendizagem é resultado de um processo deliberado, explícito e intencional, é necessário saber que a relação professor-aluno só se sustenta dentro da perspectiva da relação dialética. “A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado” (FREIRE, 2000, p. 153).

Assim a aprendizagem da leitura deve se dar dentro de um ambiente com condições e situações estimulantes. A criança só irá aprender bem se isto lhe é permitido. Não se pode reduzir a capacidade da criança simplesmente ao conhecimento das letras e a seu valor sonoro convencional. “Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar” (MORIN, 2000, p. 32).

Para isso o educador deve construir com o indivíduo aprendiz da leitura crítica a consciência fundamental de que os alunos precisam aprender a leitura de mundo – ter uma visão crítica para melhor se situar diante das condições históricas.

Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Diretamente, isto é, sem passar pelo intermédio: - nem da decifração (nem letra por letra, sílaba por sílaba, ou palavra por palavra); - nem da oralização (nem sequer grupo respiratório por grupo respiratório). Ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade-prazer) numa verdadeira situação de vida. (JOLIBERT,1994, p.15)

A leitura deve ajudar o indivíduo a ter uma atitude de consciência pensante e responsável diante de si próprio e do mundo em que vive. Ela deve desenvolver nele uma racionalidade capaz de desmitificar erros e ilusões, cegueiras e idéias errôneas que atrapalham a vida cotidiana.

É preciso buscar uma nova compreensão e estratégias que facilitam a aquisição e o ensino da leitura. “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma, correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Esse uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar” (MORIN, 2000, p. 39).

1.3. A Importância da Leitura

Um dos princípios básicos da educação é ensinar a ler.

Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida, para valer (grifo do Autor) como dizem as crianças. É lendo de verdade (grifo meu), desde o início, que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler. (JOLIBERT, 1994, p.15)

O leitor rápido precisa possuir um instrumental de leitura de valor significativo permitindo-lhe a ampliação de sua visão de mundo. O leitor ‘deficiente’ lê de maneira tão lenta que ao final de um enunciado não é capaz de processar o sentido do texto.

Esse tipo de leitor é diferente do leitor sem problemas, visto que em grande parte aprende não pelo que lê, mas pelo que ocorre, razão pelo qual tende a fracassar nas demais disciplinas do currículo escolar.

Existem diferentes estilos de leitura. Estes estilos dependem de cada propósito, que se dá à leitura e do tipo de material que é lido, como por exemplo, se queremos preparar um bolo e quando temos em mão a receita (do bolo) para preparar os ingredientes, estamos utilizando um estilo de leitura, diferente daquela utilizada na leitura de um texto didático em sala de aula, pois o propósito é outro.

O mundo da leitura tem muitas facetas. Logo lemos não só para ampliar o conhecimento, mas também para obter informações para saber mais sobre o universo, em busca da diversão e do prazer.

É através da leitura que é adquirido o conhecimento, visto que o campo de informações é muito amplo. Conclusão: só há um acúmulo do saber quando a leitura é realizada.

Existem diversas formas de como se deve ler. Ao ler deve questionar, levantar hipóteses, usar estratégias diversificadas, assim como demonstrar a necessidade da vida cotidiana.

Logo, a leitura satisfazendo um propósito torna-se uma experiência prazerosa, ou seja, é significativa para o leitor. Percebe-se que o significado e o interesse caminham juntos.

O significado do que se está lendo relaciona-se diretamente com o dia-a-dia. A leitura desperta também a curiosidade, a compreensão do mundo e a imaginação de outros mundos, respostas aos problemas e melhor relacionamento com os outros. Tudo isso surge como produto da leitura.

Ainda usa-se muito como método, a leitura silenciosa, aquela feita só com os olhos. A leitura oral, que é realizada em voz alta, esta pode ser em grupo, individual e de outras formas.

É função do professor orientar o aluno, para realizar o tipo de leitura adequada ao objetivo estabelecido. Além disso, evitar que a leitura seja estabelecida, ou seja, que ela seja realizada como um processo mecânico que tende a extinguir-se por falta de aplicabilidade; a leitura é necessária para a vida pessoal e social do aluno.

O professor deve ligar a atividade de ler com as necessidades pessoais e sociais do aluno, dando destaque a importância da leitura em todos os âmbitos da vida, uma vez que essas funções não são importantes, apenas nas escolas, mas também no dia-a-dia. A leitura deve levar o aluno a compreender que ele “só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura” (MORIN, 2000, p. 52). A leitura contribui para despertar no aluno a consciência de um ser que faz parte de um povo, de ethos (grifo meu), de uma sociabilidade.

É preciso ser mais criativo e favorecer que nossas crianças sintam a vontade de e o gosto pela prática da leitura. Que seja possibilitado a elas o entendimento real da leitura em suas vidas, como condição para compreensão do mundo em que elas estão inseridas e que passa por transformações constantemente. A leitura pode satisfazer inúmeros propósitos, pois através dela podemos obter informações econômicas, esportivas, políticas dentre outros. Uma das coisas que se aprende e se acredita é que “a desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica”. (FREIRE, 2000, p. 80-81)

A leitura também pode ser uma grande fonte de recreação. O leitor que desenvolve o gosto pela leitura delicia-se lendo o que lhe propor atingir as suas expectativas, como, por exemplo, revistas, jornais, livros, piadas, provérbios ou até mesmo a literatura de cordel.

Quando falamos da função estética da leitura, estamos ressaltando uma leitura da linguagem poética, onde se procura captar a beleza do literário tanto no manejo da linguagem, como na estrutura das obras.

1.4. A Leitura e a Escola

A leitura e a escola mostram, na prática, meios interligados. Acredita-se que a escola pode estimular o aluno no gosto pela leitura. Porém esta relação não é mecânica, como se a escola fosse a causa e a leitura a consequência.

Estimular o aluno a ler é uma responsabilidade não só do professor e sim também de todos que se inserem na escola: crianças, professores e pais. A leitura deve ser algo prazeroso. Ora, a escola pode se utilizar da pedagogia de projetos em vistas de favorecer o desenvolvimento da leitura. Os projetos trabalham em cima da realidade dos alunos. Eles têm que ter responsabilidades, serem autônomos, organizados, terem confiança em si mesmo, exigirem dos colegas o mesmo, levarem as tarefas até o fim.

[...] que a criança viva seus processos autônomos de aprendizado e se insira num grupo e num meio considerados como estrutura que estimula, que exige, que valoriza, que provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidades. (JOLIBERT, 1994, p. 20)

O domínio da liberdade da leitura do mundo é uma consequência da ação eficaz da escola, democratizando o saber e massificando-o.

A escola deve proporcionar ao aluno texto que venha enriquecer o conhecimento do mundo, afinal o aluno já tem um conhecimento referente do que já viveu e vive. A escola deverá introduzir através das letras, palavras, frases, texto, o maior conhecimento do que já se sabe, tirando dúvidas de algo que não tem a certeza, o ouvir falar.

Por isso, quanto maior for o número de leitura, menor deverá ser as dúvidas que o aluno terá, embora saiba-se sempre poderão aparecer questionamentos, pois o conhecimento é infinito inacabado.

Os textos oferecidos ao aluno deverão ter a compreensão do conteúdo da leitura. Ela deverá ser real, dinâmica, crítica, leitura para ser descobertas, dessa forma sim será verdadeiramente lida e entendida a leitura. Se a leitura é entendida e compreendida, o objetivo do texto conseqüentemente será atingido.

A história social da leitura, não pode evitar a revelação dos aspectos contraditórios, que resistem à prática de ler, mas a política da escola adotada. Que a escola proporcione formas para o aluno refletir sobre o que foi lido, entender, criticar.

Neste aspecto a escola deve cumprir muito bem a sua função social. A leitura na escola contribui para mudança social, resultando o desenvolvimento de habilidades e competências para tal processo, justificando a existência da instituição escolar. O aluno não tem que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda.

A leitura sendo o meio pelo qual democratiza o saber é o maior acesso aos bens culturais. A escola é uma instituição de suma importância na concretização desse processo.

A escola tem a tarefa juntamente com seu corpo docente de despertar no aluno o interesse pela leitura e torná-lo um leitor em potencial. Porém essa conversão não se dá de maneira mecânica, espontânea e natural, mas através de metodologias e recursos didáticos utilizados pedagogicamente em sala de aula, nas atividades cotidianas do aluno, aproveitando

o contexto no qual o aluno está inserido. Nesse sentido, a escola deve trabalhar o aluno a partir de sua realidade concreta para transformá-la. A leitura da palavra que o indivíduo aprende no espaço da escola não pode ser dissociada da leitura do mundo, para que sua ação libertadora com os demais semelhantes seja um momento necessariamente consciente e volitivo, configurando-se como a prolongação e a inserção continuada deste(s) na história.

Em virtude disso o processo da leitura na escola se configura como uma relação privilegiada com o real, uma vez que engloba tanto um convívio com a linguagem, como o exercício de interpretação dos significados ocultos que o texto esconde entre as entrelinhas.

Durante muito tempo o livro foi o único recurso didático utilizado em sala de aula para ensinar o processo da leitura. Com o passar do tempo isso foi evoluindo e mudando. Hoje nas escolas, o livro não é o único recurso didático usado para ensinar a leitura. Nas metodologias mais contextualizadas a realidade dos alunos é usada para ensinar a ler como músicas, poemas, receitas, entre outros portadores de textos.

O uso da literatura infantil na sala de aula também é uma forma de exercitar a leitura na escola, resgatando ou introduzindo o aluno no mundo dos livros, visto que tem contato direto com o livro de ficção ou de outra natureza.

O aluno aprecia essa leitura porque se identifica em virtude de estar próximo de uma vontade cronológica e mental.

A introdução da leitura em sala de aula significa o resgate da sua função primordial, buscando, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com recursos dos livros, revistas etc, que precisam ser lidos e interpretados.

É o uso do material didático que o aluno lê na sala de aula, o desencadeamento com eficiência de um gosto e de desenvolvimento de habilidades e competências entre o aluno e o texto.

A leitura em sala de aula é necessariamente uma descoberta do mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência do aluno. Necessita-se deixar tão somente, que esse processo se viabiliza em plenitude. Porém, em decorrência de sua própria natureza a leitura aponta uma modalidade de experimentação do tempo e do espaço do aluno, que transcende sua função meramente escolar.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do ponto de vista, a objetividade de realização imediata.

Tratando-se de uma prática social complexa, a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem, de preservar seu conteúdo, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com diversidade de texto e combinações entre eles.

A leitura deve ser proposta de maneira criativa e dinâmica, viva e atraente. Para a escola, a possibilidade de aprender a ler é uma evidência. O ensino da leitura mostra-se menos problemático. A escola, porém não pode mais repetir fórmulas didáticas ultrapassadas para memorização mecânica de textos e trabalhar um texto desvinculado do contexto social e econômico do educando. O aprendizado de agora deve ser moderno, dinâmico e revolucionário, que traduza numa palavra o sentimento e a necessidade de libertação das pessoas. Ora, este é o verdadeiro sentido da leitura em nossas vidas.

CAPÍTULO II – A LEITURA COMO REFERENCIAL BÁSICO DA QUALIFICAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

2.1. O gosto pela Leitura

A denominação existente entre uns e outros, tanto econômica, como cultural, estabelece um conjunto de convenções para o desenvolvimento e para o exercício do que é chamado de gosto. O gosto de ler não foge a essa regra estabelecida pela sociedade na qual se vive.

As concepções de leitura, os modos de produção da leitura, o que é lido, os locais onde se lê, tudo isso sendo decidido e favorecendo o gosto pela leitura, com isso desenvolve o prazer pela leitura. O gosto pela leitura é algo prazeroso, construído gradativamente.

A Escola deve mostrar ao país, que é um dos motores impulsionadores da leitura no ambiente escolar. Na sociedade moderna, os meios de comunicação de massa, de modo particular, a televisão incentiva o consumo de vestuários, eletrodomésticos, celular, passeio em *shopping*; shows, etc. Neste investimento o giro de capital é grande e rápido. E por que a televisão não investe em cultura? Porque é caro e as pessoas ficam esclarecidas, críticas. O mercado da indústria dos eletro-eletrônicos investe muito alto.

Os pais, por sua vez, não percebem no que está influenciando os seus filhos, porque a televisão tomou conta da nossa casa; devido à ausência dos pais, a mãe, com trabalho de dois e/ou três expedientes encontra-se fora de casa. Com isso, as crianças ficam na total responsabilidade da empregada ou babá que geralmente não tem a 3ª série primária chegando a nem saber ler e que não tem a competência e carinho que uma mãe poderia oferecer com sua presença diária. Não quero dizer que a mãe não deva trabalhar, mas porque não trabalha no expediente que a criança está na escola.

“Já que a leitura e a escrita não são matérias exclusivamente escolares, convém que os pais e os avós participem do processo de letramento dos filhos e dos netos, ajudando-os na prática da leitura” (TEBEROSKY, 2003, p. 19).

O prazer pela leitura é bem complexo, pois depende de vários fatores: família, escola, igreja, *o contato das crianças com os livros, dar-lhes a possibilidade de escolher e de manusear os livros é uma boa maneira de desenvolver a leitura compartilhada* (Ibidem, 121).

Poderíamos dizer que não supre as necessidades básicas que a família tem. O que se chama necessidades básicas? Televisão, celular, som etc. Questiona-se o que é realmente importante para nossos filhos? De que forma e quantas vezes se incentiva de maneira prazerosa o gosto pela leitura? Quantas vezes lê-se em voz alta a mesma história, quando os pequenos de dois a oito anos, dependendo da idade poderá até repetir algumas vezes, não para decorar, mas memorizar e reconhecer temas e a pessoa que está lendo? Os pais deverão fazer alguns comentários sutis para que com isso a criança tenha uma compreensão de foi lido. Quantas vezes se leva os filhos a livrarias bem estruturadas, agradáveis para dar a oportunidade de escolher seus próprios livros? A quantas peças de teatro leva os filhos? E aos museus da cidade?

É fundamental a preocupação com a leitura haja vista que, a literatura contribui na formação da identidade sócio-cultural do indivíduo, ajuda-o a ser um intérprete de sua própria história, faz-lhe ser um sujeito ativo e a se compreender como ser humano e, como diz Scliar (1995, p. 176):

Se acharmos que não há valor nenhum no trabalho da palavra escrita, que tanto faz um programa de televisão como uma peça de Shakespeare, que tanto faz uma história em quadrinhos como um livro da Clarice Lispector ou um ‘vídeo-game’, então teremos renunciado ao nosso próprio futuro.

Nas escolas, hoje, já existem as duas concepções, ou seja, aquela que visa transformar o gosto pela leitura, democratizando o que o aluno quer ler. Esses desmistificam o gosto pela leitura, democratizando o que o aluno que ler pré-fixando o processo pela leitura. *Como sabemos, aprender a freqüentar, dominar, usar e amar os livros, a escrita e a leitura é um dos objetivos da escola há séculos. Mas a escola realmente está atingindo esse objetivo?* (TEBEROSKY, 2003, p. 122). As escolas atuais têm suscitado no educando o gosto e o prazer pela prática da leitura. Como essas têm respondido ao desafio de fazer com que os alunos aprendam e se exercitem a atividade cotidiana de leitura? A família pode fazer da sua

casa um ambiente alfabetizador, rico em materiais escritos (revistas, jornais, etc.) e em interações dinâmicas que facilitem o ingresso da criança no mundo da leitura.

“O campo da leitura e escrita vêm recebendo, nas últimas décadas, contribuições expressivas tanto no que se refere à produção teórica quanto no que diz respeito ao delineamento de alternativas práticas. Desde a crítica à educação bancária feita por Paulo Freire ao anúncio de novas práticas nos anos 50 e 60, passando pelas mudanças na conjuntura política [...]” (cf. KRAMER, s.d., p.).

Com isso, defende-se um entendimento de leitura nas suas diversas nuances. Isto diz respeito às concepções por meio das quais sofre-se influências no modo de interpretá-la, bem como a criança o faz, no intuito de obter prazer com essa ação. A aprendizagem da leitura é um processo que a criança vai adquirindo pouco a pouco, e para que isso ocorra é importante que ela tenha contato com os diversos materiais escritos, pois esse convívio levará a compreender para que serve a leitura na vida cotidiana. Ora, os pais e os educadores têm uma função fundamental com vistas a possibilitar que a criança desenvolva as habilidades da leitura e se aperfeiçoe ao adentrar a realidade e pronunciar-se perante ela.

Na medida em que a criança está em contato com os diversos tipos de produção escrita no seu dia-a-dia, como por exemplo, a história contada pelos pais e avós, o rótulo das embalagens, cartazes de rua, livros, jornais e outros, está de certa forma, iniciando o seu processo de descoberta de outro tipo de comunicação que é a escrita (cf. TEBEROSKI; COLOMER, 2003) e, apropriando-se dela saber fazer uso social adequado da diversidade de situações em que é possível exercitar sua capacidade leitora e escritora.

O que se deseja ressaltar é que através desses contatos com a escrita, a criança começa a formular uma concepção muito própria sobre o que ela representa. Isto porque sabe-se que a criança adquire conhecimentos não somente porque os adultos ensinam, mas também porque é antes de tudo alguém que pensa e tem idéias próprias sobre tudo que o cerca

Como já aludido anteriormente, a criança é um ser em constante interação com o meio em que vive.

Por esta razão, a flexibilidade no ato de ler consiste na capacidade de variar uma ou mais estratégias de leitura, de modo que se possa atender à variedade de objetivos do leitor diante de diferentes gêneros de textos. O que caracteriza então o leitor moderno, hoje, a flexibilidade no ato de ler.

O ato de leitura deve ser concebido como um processo de coordenação de informações de procedência diversificada com todos os aspectos superficiais que isso supõe e cujo objetivo final é a obtenção de significados expressos lingüisticamente.

A leitura nos leva a “viajar”, conhecer novos horizontes, refletir sobre outras possibilidades de ação, explorar caminhos desconhecidos; remete-nos para outros textos lidos, para os nossos próprios textos, pelo que contêm de semelhanças e diferenças em relação a idéias, problemas, soluções e, também, sonhos. A leitura o torna ainda mais redentora quando há um professor que inquieta os alunos com perguntas, lança pontes entre os temas discutidos, coteja textos de diversas origens, trabalha para expandir o universo da criança através da literatura e de sua necessária interpretação. Ao professor cabe instigar a curiosidade natural do educando e orientá-lo na descoberta e apropriação de um mundo pleno de possibilidades quando à ampliação das suas capacidades intelectivas, criativas e críticas. Concordando com Freire (2003, p. 11),

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. [...] a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Um texto pode ter várias significações, dependendo da pessoa que o ler, da sua realidade incluindo-se aí seus sentimentos, sensibilidade como leitora, assim como do local e do momento histórico em que o texto foi concebido. Como processo interdisciplinar, a leitura entrelaça-se com uma diversificada gama de textos: informações, recreação, atualização e outros. É importante que o professor promova não só a interação entre textos, bem como entre os grupos de alunos que vão aos poucos demonstrando o quanto estão se preparando para construir e trocar conhecimentos. Isto insere a leitura na perspectiva de busca da libertação, com prazer, compromisso e, portando, com responsabilidade. Contribuindo para desbravar as condições por meio das quais a construção de uma sociedade justa para todos. Para que todos possam ter conhecimento.

2.2. Leitura e Conscientização

Somente o homem é capaz de reconhecer-se como homem, ser situado no mundo. Somente ele é capaz de tomar distância do objeto do mundo para admirá-lo. É capaz de refletir sobre sua prática, de intervir na realidade e de, criativamente, construir e dá sentido às suas ações, sentimentos e convivência cotidiana. É um ser da permanente ação de transformação do mundo e, quando transforma este mundo novamente volta para si como um todo admirado, num constante processo de ação, reflexão: práxis. Entretanto, a tomada de consciência não implica instantaneamente na conscientização, uma vez que esta se dá através do desenvolvimento crítico da tomada de consciência.

A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar-se o oprimido? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. (FREIRE, 1980, p. 29)

A conscientização contribui para que o ser humano possa perceber a realidade desumanizante e injusta em que vive, com isso, é claro, fomentar e ensaiar experiências de superação da contradição do ser menos para o ser mais.

A conscientização implica, pois, que se ultrapasse a esfera espontânea de apreensão da realidade, para que se chegue a uma esfera crítica na qual a realidade busca a superação das contradições, e, onde o homem coloca-se na postura de efetivar-se enquanto tal, “pronunciando o mundo”, fazendo uma interpretação das experiências históricas e lutando por liberdade, democracia, participação, cidadania, direitos. Noutras palavras, por uma sociedade onde caibam todos e ninguém seja excluído de quaisquer direitos (FREIRE, 2003).

Não ocorre conscientização desvinculada da práxis, ou seja, do ato ação-reflexão. Traduzindo-se numa unidade dialética, ela constitui de forma permanente, não só o modo de ser, mas também o de transformar o mundo. Ela implica num compromisso histórico porque é também consciência histórica. Desta forma implica dizer que os homens devem assumir seu papel de sujeito que faz e refaz o mundo. A partir de uma leitura crítica, o homem

conscientizado e politizado deve assumir seu papel de ator-agente, de sujeito que faz e refaz o mundo. Contudo, deve tornar-se um ser consciente do seu papel histórico. No entanto, a tarefa de construção de uma nova sociedade e da necessária transformação social deve se estender a todo o ser humano. Para isso, a escola e o professor, por sua vez, em sala de aula, devem orientar os educandos a um mergulho na realidade do mundo a fim de possibilitá-los a imersão em uma nova realidade; pois, todos que se encontram envolvidos no cotidiano do ser humano deve ajudá-lo na interpretação do mundo e na configuração de uma nova sociedade capaz de gerar solidariedade e respeito ao próximo e à Natureza, para isso torna-se a leitura imprescindível para tal tarefa.

Só o homem tem a capacidade de refletir, de problematizar, de analisar o mundo em que vive e através dessa análise crítica e profunda, atuar no sentido de rever práticas, desenvolver cada vez mais a leitura social e a atuação de forma comprometida, no processo dialético de construção de um modelo de vida pautado em configurações justas, eqüitativas e solidárias; uma sociabilidade onde não haja ser humano algum maltratado, desprezado. *O povo tem de ser sujeito* (FREIRE, 2003, p. 34).

A conscientização traduz-se na práxis concreta e refletida na realidade, é preciso haver a desmitificação, que será alcançada através de um trabalho comprometido com o processo de mudança. Há a necessidade de um olhar o modo crítico possível da realidade. Isto possibilita a identificação dos mitos que servem para enganar e ajudar a manter a posição das classes dominantes.

A ação histórica determina a posição assumida pelas situações-limites que proporcionam a ultrapassagem e a transcendência também de tais situações. O Método Paulo Freire utiliza-se da codificação, que a princípio assume a forma de situação existencial. Em seguida, o decodificador passa a representar a situação mais concreta na qual e com a qual ele trabalha. Com esta operação os alunos realizam o distanciamento do objeto cognoscível.

A validade maior da ação educativa encontra-se na reflexão sobre o homem e da análise do meio de vida concreto daquele a quem se pretende educar. Quando ocorre a falta de tal reflexão, há a probabilidade de se adotar métodos educativos que reduzem o homem a mera condição de objeto no mundo. Seria então uma educação pré-fabricada, inoperante na sua tarefa de realizar a tarefa vocacional do homem, ou seja, a de ser sujeito. A educação deve ajudar o homem a partir de tudo que constitui sua vida. Ela não seria um instrumento válido se não estabelecesse a ação dialética com a realidade social concreta. Todas as concepções educativas de Paulo Freire estão voltadas para esta abordagem.

Para que o homem chegue a ser sujeito é necessário a reflexão sobre sua situação, seu ambiente. E quanto mais refletir sobre esta situação concreta, mais emerge de forma consciente e comprometida para intervir na realidade através da mudança. A educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças a qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-la, de domesticá-la, de adotá-lo como faz com muita freqüência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha.

O homem é capaz de reconhecer a existência de realidades que lhe são exteriores. Existe aí a descoberta do seu eu e o dos outros. Esta capacidade de discriminar lhe permite descobrir a existência de um Deus de estabelecer relações com ele. Isto porque reconhece-se além de um eterno presente, e sim numa composição de passado, presente e futuro. Há o reconhecimento, da sua temporalidade que por sua vez permite tomar consciência da sua historicidade. A história é entendida num sentido bastante amplo, e não aquela formada por exércitos e governos. A história é as respostas dadas pelos homens à natureza, aos outros, às estruturas sociais. *Não é outra coisa que a procura do homem, sua intenção de ser mais e mais homens, respondendo e relacionando-se* (FREIRE, 1980: 39).

A educação precisa atender à perspectiva histórica, para tanto seus conteúdos, programas e métodos devem se adaptar ao fim maior que é o de permitir ao homem chegar a sua condição ontológica de sujeito, estabelecer relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. O homem só pode ser preparado para isto por meio de uma educação autêntica, que o liberte. Tal feito obriga a uma reavaliação profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos. Isto é preciso para que o homem tome parte na sociedade, na transformação da realidade, na história.

A leitura tem esse significado na vida do ser humano: instrumento de “esclarecimento” das massas, possibilidade de aguda e sadia compreensão dos problemas em sua diversidade e historicidade, sem se confundir a crítica do presente seja a nostalgia, seja exorcização do passado ou mesmo exaltação do presente, simplesmente. A leitura pode nos libertar. Uma pergunta fundamental a ser feita por cada um de nós professores é: que textos usamos com nossos alunos para que estes se transformem em leitores de verdade? Lemos e escrevemos dentro de uma rede de significados culturais que construímos historicamente. O que lemos no século XXI?

A leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2003: p. 11). Constantemente tem-se observado a importância dada pelo autor para a leitura intimamente ligada as experiências concretas a cada indivíduo no mundo. Daí ser algo que se insere sobre

demais forças que compõem o sistema social. Antes do educando ser introduzido ao sistema educacional, e dele receber a tradicional educação ministrada através dos livros e/ou dos mais diversos segmentos ideológicos, é preciso o educando tomar conhecimento dele como ser individual, concreto, construtor e transformador. Portanto, ser histórico, temporal é estar em constante processo de transformação e construção. Como também tenha consciência da concretude mundana, do meio social no qual vive de sua cultura e de seus interesses. Sua visão de mundo deve estar presente para que sua consciência não venha a ser manipulada pelas correntes ideológicas.

Quando se pensa na compreensão crítica do ato de ler, conseqüentemente há de se perceber que a leitura não pode se limitar a decodificação das palavras, posto que se assim procedesse estaria caindo no vazio da "Educação Bancária", que a muito vem sendo ministrada nas nossas escolas.

É impossível tomar a educação como neutra, sua neutralidade traduz a aceitação da situação vigente, de manipulação e atrelamento a uma cultura que não traduz as reais raízes do nosso povo. A educação como ato político vive um processo dinâmico de crescimento e tradução da vivência da sociedade como um todo. A questão educacional passa pela questão do poder, porque sendo ele manipulador das demais forças que compõem a estrutura social comumente faz uso da educação para atender às suas necessidades econômico-políticas. Desta forma sua preferência está em ocultar o quadro real da ideologia dominante.

A leitura crítica foge a sistematização de mera repetição de palavras, quer de livros, quer do mundo. Seu objetivo é a leitura do mundo concreto com o uso do vocabulário cotidiano e o educando, para que juntos, educador e educando, se interajam numa troca de experiência e enriquecimento do conhecimento.

Não há quem detenha o saber como um amuleto. O saber não está contido nos livros, mas na vivência diária do homem, na formação da sua cultura, na sua forma de perceber o mundo e interpreta-lo.

É sabido que a educação funciona como subsistema de um sistema maior que é a sociedade. Mas o fato de ser a sociedade dirigida por um grupo dominante, pois uma de suas características fundamentais é a estratificação no seu seio, isto não significa dizer que a educação venha reproduzir unicamente a ideologia dominante. A leitura crítica representa uma negação a essa ideologia, porque ela procura suscitar o homem para seu caráter imanente que é o de ser histórico (FREIRE, 1980).

Ora, para que tenhamos uma educação voltada para o desvelamento do mundo, para sua interpretação real, baseado nos mecanismos existentes dentro da sociedade é fundamentalmente importante a presença de educadores comprometidos com o ato educativo. Entendendo-se também a educação como um ato político, é necessário que as pessoas, nele inserido, estejam partidárias de uma política de valorização do homem, é necessário uma coerência entre o discurso proclamado e sua prática. Pois se tivéssêmos apenas o discurso, cairíamos num verbalismo enfadonho, do qual a nossa sociedade a muito está cansada. O verbalismo puro e simples não levaria ninguém a nada. O que certamente ocorreria seria o uso de tais discursos por parte dos grupos econômicos e hegemônicos.

Quando se vive uma realidade se é capaz de reconhecer o outro como possuidor de direitos da palavra. Sua palavra é tradução de sua vivência concreta. A partir do momento que escutamos os educandos nos tornamos capazes de não só nós fazermos entendidos por eles, como também terem do seu mundo uma riqueza cultural que está sendo esmagada a cada dia. Posto que os homens estão perdendo suas identidades e sendo transformados em máquinas do sistema burocrático, onde a sobrevivência torna-se a cada dia mais difícil e leva os homens a situações animalescas, rouba-lhe sua compreensão, seu raciocínio.

A atuação do educador na ação libertadora deve fugir da ação daquele de quem apenas fala e jamais ouve, que imobiliza o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias, que ouve o eco, apenas, de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral, quem considera petulância da classe trabalhadora reivindicar seus direitos, quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiada, inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação e democracia. Pelo contrário, quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconscientemente, ajuda a preservação das estruturas autoritárias (FREIRE, 1980).

Quando trabalhamos com os educandos é preciso partir de sua ingenuidade para que juntos, educador e educando, superem essa etapa, uma consideração que cada pessoa possui níveis de compreensão diferente e que assim estão ligadas à sua própria realidade. O educador necessita perceber isto para poder usar estratégias democráticas, portanto, de respeito para com o indivíduo, na descoberta de uma visão crítica. Assumir a ingenuidade do educando não implica dizer que se deva vivenciá-la, mas sim, tem a humildade de reconhecer que ele, educador, não possui todo o saber. O educando dentro do seu contexto é também ser

de conhecimento. Ambos se interrelacionando dentro deste prisma, caminham para uma integração humana maior e superação de um estágio de conhecimento.

A solidariedade no ato de educar implica o reconhecimento de que este ato se dá dentro de uma relação de homens concretos. Nela os educadores são também educados pelos educandos e vice-versa. Há a constante troca de experiência, portanto, de enriquecimento. O velho lema de "quem sabe ensina a quem não sabe", perde seu sentido dentro da educação libertadora porque ele traduz a forma autoritária de controle do saber e estabelecimento do mesmo do que é válido ou não. O educador, como quem sabe, precisa reconhecer, primeiro, nos educandos um processo de saber mais, os sujeitos com ele, deste processo e não pacientes acomodados, segundo, reconhecer que o conhecimento não é um dado, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por que o adquiriu a quem ainda não o possui.

Ultrapassando o ponto de vista ingênuo temos continuamente de entender e praticar a educação sob a perspectiva de processo inacabado de construção do homem. Se o homem se constitui no dia-a-dia da realidade concreta da vida, então, ele deve representar a historicidade mundana. Conseqüentemente tem que a cada dia caminhar no sentido de estabelecer uma relação dialética, voltada para o desvelamento das necessidades sociais como um todo, implicando no perfeito reconhecimento da igualdade da pessoa humana e no cunho social de suas funções.

A leitura é imprescindível e constitui, de algum modo, na alavanca da transformação social, pois ajuda o ser humano a “enxergar” seu papel importantíssimo no encaminhamento das questões referentes à tomada de consciência do mundo e do próprio homem. Concebendo-se a educação como determinante da sociedade, considerando-se ingenuamente que a complexidade social se reduz a mera formação de "bons" homens, limpos de coração e dóceis, construtores do mundo. Sabendo-se que o mesmo não pode ser assim percebido, é necessário o mais equilibrado questionamento acerca do real papel da educação e de educador na transformação social.

2.3. O sentido da leitura para a vida

Para ajudar a criança no processo de aquisição da leitura, o educador ou qualquer pessoa que tem naturalmente a responsabilidade de educar e formar cidadãos precisa ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar grandes leitores saindo da escola se não temos educadores preocupados com tal realidade. A leitura crítica como falamos no item precedente auxilia e colabora para que o sujeito tenha uma visão emancipatória; transformar a informação que recebe não só em conhecimento como também em consciência crítica. Esta consciência nos ajuda a construir sentido para a vida das pessoas e para a humanidade, tornando desse modo real a possibilidade de se efetivar para todos um mundo mais justo e humano, mais saudável para todos.

A leitura deve ser proposta de maneira criativa e dinâmica, viva e atraente. Para a escola, a possibilidade de aprender a ler é uma evidência. O ensino da leitura mostra-se menos problemático. A escola, porém não pode mais repetir fórmulas, didáticas ultrapassadas para memorização mecânica de textos e trabalhar um texto desvinculado do contexto social e econômico do educando. O aprendizado de agora deve ser moderno, dinâmico e revolucionário, que traduza numa palavra o sentimento e a necessidade de libertação das pessoas. Ora, este é o verdadeiro sentido da leitura em nossas vidas.

Urge que passemos a nossas crianças o verdadeiro sentido da leitura.

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar. (MORAIS, 1996: 12-13)

A leitura inspira crescimento para a vida de cada leitor. Traduz oportunidade de aquisição de ciência, de conhecimentos e capacidade de problematização dos desafios que surgem no cotidiano das vidas humanas. A leitura é um dos meios mais importantes na escola para consecução de novas aprendizagens. A cada dia aumenta a exigência de uma leitura independente. Precisamos nos familiarizar com a literatura e adquirir o gosto de ler. Afinal, como diz Rachel de Queiroz: o gosto pela leitura não se nasce com ele, se aprende, se desenvolve.

CAPÍTULO III - POLÍTICA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO E O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Hoje, vive-se na era da informação. Muitos conceitos têm mudado: a sala de aula não é mais o único lugar privilegiado quando pensamos em aprendizagem. Esta nos remete a um professor na nossa frente, a muitos alunos sentados em cadeiras olhando para o professor, uma mesa, um quadro negro e, às vezes, um vídeo ou computador.

Muitos alunos destacam os ganhos relativos à capacidade de comunicação oral entre os principais benefícios trazidos pela leitura.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o trabalho do bibliotecário é de importância ímpar na parceria com o professor com vistas a fomentar um processo de “aprendizagem significativa” eficiente e bem sucedido baseado na prática de leitura.

Atualmente, ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As novas tecnologias de informação começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Há uma premente necessidade de se repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados, formando cidadãos conscientes.

Com a internet e as redes de comunicação em tempo real, surgem novos espaços importantes para o processo de aprendizagem, que modificam e ampliam o que ainda se faz na sala de aula.

Faz-se mister considerar que no contexto das novas demandas que a sociedade impõe à educação, a leitura tem assumido nova perspectiva: um dos elementos importantes encontrados certamente é a necessidade de formar aluno e professor um pesquisador, capaz de utilizar todas as mídias, todas as fontes, todas as formas de interação. Aqui, coloca-se a autonomia do aprendiz: ter autonomia significa ser autor da própria vida, da sua linguagem e argumentação e do próprio agir. Tanto o esforço como a valoração contribuem para aumentar a auto-estima e o incentivo dos adultos no procedimento de seus estudos.

Para que a escola se adapte a estas transformações, é necessária a utilização de todos os recursos disponíveis, e dentre estes, se destaca a biblioteca escolar. Esta possui uma clara função sócio-educativa quando integrada ao cotidiano escolar, sendo uma plataforma de encontro entre professores e alunos na complementação do ensino pedagógico. (CORRÊA e al., p. 107-108, 2002)

É evidente que na preocupação de se desenvolver um bom trabalho junto aos alunos e torna-los “leitores autônomos”, a biblioteca há de ter um profissional habilitado: o bibliotecário. Nas escolas públicas, por exemplo, são conhecidas pelos educadores a precariedade em termos de ambiente físico e acervo. Muitas delas (das bibliotecas) “funcionam” mas sem a qualidade ideal, o que, seguramente compromete o desempenho cognitivo do alunado. [...] *A biblioteca precisa ser pensada e discutida nos diversos aspectos causadores da situação de “miséria” em que se encontra* (Ibidem, p. 108).

A leitura realizada para apreender ou informar precisa ser suficientemente tratada como parte do processo pedagógico em que não só o professor, mas também o bibliotecário é igualmente responsável. Para o profissional que coordena os trabalhos da biblioteca numa escola é necessário que tenha formação de um educador e possa exercer funções educativas em sua prática profissional. Ele vai contribuir, por exemplo, para que o aluno possa se familiarizar com suportes de escrita, tais como revistas, jornais, sites da internet, outros livros além dos didáticos, com toda a diversidade de gêneros que nele figuram.

Todos os que trabalham no espaço da comunidade escolar são “educadores”, co-responsáveis a tornarem os indivíduos leitores, ajudá-los a ingressarem no mundo do conhecimento sistematizado e socialmente construído. Nesse sentido, o bibliotecário é também um educador.

Ora, o bibliotecário desempenha um fundamental papel assim como o educador que está em sala de aula. Este pode auxiliar a comunidade escolar na utilização correta das fontes de pesquisa, dando assim um embasamento para que o educando possa usufruir dos conhecimentos dentro e fora do espaço da escola.

É importante que haja harmonia entre biblioteca e escola, harmonia entre bibliotecário e professor para que juntos possam alcançar os objetivos comuns da educação

que construa e desenvolva o aluno em suas potencialidades, respeitando sua individualidade e dando primazia à socialização democrática dos conhecimentos. A biblioteca não pode ser vista como lugar de castigo, onde se pune o “mau aluno”, mas lugar de uma experiência positiva que é a comunicação com o Mundo, “a viagem” no tempo e espaço, o diálogo com os escritores e a possibilidade concreta do enriquecimento intelectual como indivíduo. A biblioteca deve ser vista na escola como um lugar importante, que deve ser privilegiado para a leitura e discussão, problematização das idéias e sistematização do pensamento a partir da rica contribuição que os alunos podem dar, além da oferecida pelos diferentes pensadores e estudiosos ao longo da história da Humanidade.

O bibliotecário necessita de boa comunicação com os estudantes para atendê-los bem e com disposição. *“As atividades desenvolvidas pela biblioteca escolar precisam estar de acordo com os interesses de sua clientela, particularmente dos alunos, o que já pressupõe uma articulação com o trabalho desenvolvido pelo professor”* (Ibidem, p. 115).

O conhecimento técnico do bibliotecário precisa ser sólido, uma vez que as obras disponíveis na biblioteca escolar são direcionadas ao estudo e pesquisa dos estudantes e do corpo docente. (Ibidem, p. 116)

É imprescindível que haja no interior da biblioteca uma organização, haja vista que é devido ao seu trabalho que a biblioteca pode existir. O planejamento e organização da biblioteca também são funções do bibliotecário. O bibliotecário deve participar da vida de usuários, participar do desenvolvimento do programa educativo que o professor coloca em sala de aula. Ele deve incentivar o estudante a ler e freqüentar a biblioteca.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. O bibliotecário pode ajudar nesse processo. A leitura não consiste em compreender só a palavra escrita, mas também as expressões do fazer humano. Ela ajuda os leitores a se posicionarem de modo crítico e questionador diante das condições sócio-históricas.

Leitores e leituras para quê? Para a reprodução ingênua desta sociedade ou para o enfrentamento de suas contradições e de seus

desafios? [...] Desejamos formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos. Em princípio, então, queremos educar e promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social. (p. 2 da xerox *Leitura, biblioteca e escola*)

Tem-se a intenção profunda de que a leitura seja provocação criativa no leitor, ajude-o a estar em sintonia com os problemas reais da sociedade, que o leve a lutar contra qualquer tipo de adaptação, ou seja, construa-se indivíduos que se coloquem criticamente diante das situações e não que vivam uma “paralisia social”.

Evidentemente, aqui, trata-se da emergência de uma nova perspectiva de leitura: a que contribua para o surgimento de leitores onde estes possam desenvolver as habilidades de compreensão, crítica e diálogo favorecendo a autonomia e imaginação criadora de cada um como leitor. É imprescindível se ter a idéia de que leitura não é um ato isolado de um indivíduo ante o escrito de outro indivíduo. Supõe a decodificação de sinais e propõe a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem. Ora, nesse sentido, o bibliotecário poderá ajudar o educando a entender tal realidade.

Estiveram presentes nos discursos, nas leis e nas resoluções nas últimas décadas as políticas de leituras que visam atender melhor a realidade das escolas públicas. Mas é verdade que muitos desses projetos esbarram na burocracia do governo que não contrata bibliotecários, segundo o argumento da inviabilidade financeira. Um dos projetos incentivados pela SEDUC – Secretaria de Educação Básica do Estado foi o “Programa Pró-Leitura”, visando melhorar o ensino da Língua Portuguesa que criou os cantinhos de leitura nas salas de aula.

CAPÍTULO IV - A LEITURA COMO CONDIÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA ATIVA

Para um agir responsável em liberdade, para o refazimento do tecido social e o movimento de mobilização consciente da sociedade civil organizada é imprescindível o desenvolvimento da prática de leitura. Não só para o nosso tempo, mas também em tempos passados, a leitura é condição “sine qua non” para dar aos indivíduos uma visão de mundo, de independência e proporciona uma orientação no “ethos social”.

Quando se fala a expressão leitura não se prende meramente no sentido de decodificação dos códigos da escrita e, portanto, condicionar à idéia de que só tem capacidade de leitura quem tenha freqüentado a educação formal; falar-se de leitura, aqui, em favor da tese de Paulo Freire: “a leitura do mundo”, segundo a qual o processo não se restringe ao universo da sala de aula, o indivíduo social se faz a partir do seu próprio cotidiano histórico. Analisando o seu fazer-se e construir-se como pessoa participando ativamente do que acontece na sociedade e não se colocando como mero expectador.

O indivíduo a partir de suas condições sóciopolíticas, econômicas e culturais vai se construindo, emancipando-se, realizando-se.

A leitura dá a possibilidade do ser humano colocar-se como ser que tem a responsabilidade fundamental de conduzir seu destino, de se fazer como sujeito capaz de história própria individual e coletiva.

Sob o signo da leitura, o indivíduo torna-se criador de alternativas próprias, não fica aprisionado à condição de repetidor da história, de estar subordinado àquilo que os outros querem que ele diga, pelo contrário, constrói-se e firma-se como *protagonista* que num espírito de sociabilidade ética vai se mobilizando em conjunto com a comunidade. Por fim, o indivíduo destrói as sociedades desiguais, reivindicando o respeito à diferença e aos direitos humanos através de sua politicidade. Aqui, politicidade entendida como

A habilidade humana de saber pensar e intervir, no sentido de atingir níveis crescentes de autonomia individual e coletiva, que permitem conduzir história própria e mesmo imaginar inovações no processo natural evolucionário. Ser político é aquele que sabe planejar e planejar-se, fazer e fazer-se oportunidade, constituir-se sujeito e reconstruir-se de modo permanente pela vida afora, conceber fins e ajustar meios para os atingir, exercer sua liberdade e sobretudo lutar contra quem a queira limitar, gestar-se cidadão capaz de história própria, aprender de modo reconstrutivo- político. “Pois, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. (DEMO, 2002, p. 11)

Que princípios devem adotar para direcionar a prática educativa cotidiana e histórica dos indivíduos? Como a escola, anterior à nova maneira de conceber a educação na perspectiva de educação emancipatória se mostrava favorável a preparar o indivíduo para os desafios de sua comunidade social? Evidentemente que a leitura de mundo na visão idealizada por Paulo Freire nos ajuda a compreender que somente o indivíduo imbuído de tais prerrogativas será capaz de pensar e agir como cidadão no mundo.

“A cidadania é o ato de se comprometer com os valores universais da Liberdade e da Vida condicionados pela Igualdade. [...] A cidadania pressupõe o desenvolvimento de valores éticos.” (PELLISSARI, 1995, p. 101). Cresce a consciência de que os indivíduos são responsáveis por nossas ações e pelos critérios de verdade ou racionalidade que utilizamos. Aumenta o número daqueles que se engajam a fim de lutar e trabalhar pela promoção de uma sociedade socialmente plural, politicamente democrática e economicamente equitativa, ou seja, capaz de dar reais condições para que o indivíduo conquiste novos espaços, seja de fato cidadão consciente e responsável e viva com dignidade.

Quando se fala em cidadania e leitura de mundo, deve-se pensar em ética. O agir humano é baseado nesse critério de ação comum e universal. Não podemos agir de maneira anti-ética, fazendo com o que o nosso discurso vem contradizer a prática, tornando-o vazio e demagógico, e assim sendo, mais perverso e irracional.

A ética diz respeito à reflexão sobre aqueles valores universais garantidores de uma sociedade pacífica, solidária e humana. Ela reflete sobre os valores universais propiciadores da humanização do próprio ser humano. A ética tem a pretensão de construir um espaço de liberdade na esfera da vida humana, eliminar o reducionismo da vida do

homem. Pretende apresentar as bases inelimináveis da ação livre e libertadora dos seres humanos.

4.1. O Surgimento da Ética

A situação em que emergiu a filosofia no Ocidente é marcada em parte pela grande pergunta, que por sua vez, perpassa a história filosófica da humanidade: a situação originária da pessoa humana. Esta constitui, porém uma preocupação fundamental para a maioria dos filósofos: como o ser humano se realiza plenamente enquanto ser que não tem a sua existência dada de antemão e, que é essencialmente, relação consigo e com tudo o que existe; e, acima de tudo ser co-auto-construtor de si e do seu mundo.

Na tentativa de esclarecer esta preocupação nota-se a evidência de que o homem é marcado de modo profundo como sendo um ser de possibilidades permanentes; que se faz através de suas ações no mundo, da práxis histórica que é o “lugar” da realização humana. Mundo este caracterizado pelos costumes, hábitos, crenças da vida e da maneira de interpretar a vida cotidiana nas diferentes comunidades humanas. Isto é, o ápice da realização se dá no dia-a-dia que por sua vez constitui o mundo vivido permitindo o ser humano conquistar sua humanidade. Para que a humanidade do homem seja plenamente conquistada de maneira efetiva cabe-nos perguntar que ações realmente efetivam o nosso ser; por quais razões preterimos algo em vez de outrem e como, os nossos feitos são justificáveis? Essas são questões fundamentais que ao nosso entender dão origem a uma ética, ou seja, perguntar por aquilo que legitima a ação humana é buscar fundamentação última sobre a responsabilidade do homem frente suas ações que têm grande repercussão no mundo das relações humanas que de uma certa forma dão sentido a seu existir. Aqui, surge propriamente a ética para mostrar como damos razão a tudo o que realizamos e fazemos.

A ética surge do espaço constituído por seres capazes de construir sua própria história: tomando decisões juntos; quando necessária para edificação de seu mundo com base na sua prática. A ética emerge do meio da humanidade caracterizada e marcada pela experiência dos diferentes sujeitos que pela praxidade histórica formam o mundo concreto. É importante frisar que este mundo depende da ação responsável de cada indivíduo para com os outros. Nesse sentido, tornam os indivíduos participantes de um novo mundo baseado na

criticidade, isto quer dizer, um mundo racional em que o homem busca as razões e os fundamentos de sua própria existência.

Do seio da própria historicidade da vida humana emerge a reflexão crítica com a pretensão de se perguntar pela justificação daquilo que o homem faz de sua vida. Assim, ele; inaugura uma forma nova dessa vida: aquela em que o homem, argumentando, procura dar razão a seu esforço de busca de uma configuração de seu próprio ser. (OLIVEIRA, 1995, p. 26)

Faz-se mister lembrar que a ética ao se referir à vida humana não reflete apenas por refletir, mas sua reflexão acerca da validade e sentido da ação humana nas diversas realidades efetivadas historicamente, tem a pretensão de dar rumo correto em que o homem possa situar-se para melhor viver. Ora, a ética entendida dessa forma é como que uma profunda revisão da vida humana, elevando o homem negado em suas diferentes realidades a tomar consciência de seu processo histórico, que contribui para realizar o homem em sua humanidade. Entendida nesta perspectiva a ética tem seu valor a partir da crítica questionadora das realidades que por sua vez, negam a dignidade humana.

A ética pretende refletir a partir da vida histórica dos homens para melhorar a práxis que ela já encontra realizada e em cujo contexto ela também se sabe inserida. Neste sentido, ela conserva enquanto filosofia “prática” a intencionalidade própria da “filosofia”, ou seja, sua criticidade. (Ibidem, p.32)

A ética fundamenta-se dentro de um contexto histórico-temporal marcado pela relação entre os humanos de diferentes realidades e conseqüentemente conscientes de suas ações. A ética não pode estar fora do contexto, a mesma deve estar inserida no contexto das diferentes realidades terrestres que fortalecem o grau mais elevado do homem: a sua humanidade. Ela não trabalha a superficialidade descontextualizada de determinada época, mas a concretude dos fatos procurando mostrar qual a legitimação da facticidade que compõe

a totalidade ética. Nesse sentido, a filosofia prática não é apenas uma constatação do fato, mas, uma busca flexiva e crítica da veracidade da legitimação dessa facticidade.

A ética, enquanto reflexão filosófica sobre o agir humano, não parte simplesmente de axiomas, hipóteses ou postulados, mas da totalidade “ética”, enquanto o chão concreto da vida humana por ele mesmo construída: seus pressupostos são, portanto, para Aristóteles, em primeiro lugar, de ordem prática. Porém, enquanto filosofia, ela não vai significar uma submissão ao vigente e, conseqüentemente, uma legitimação da facticidade histórica; ao contrário, ela levanta a pergunta" pela legitimidade desta facticidade. (Ibidem, p. 33)

A ética constitui uma grande tentativa de demonstração via argumentativa a respeito da legitimação da ação humana; por isso a mesma não pode ser descontextualizada, pois, necessariamente deve estar contida no contexto histórico da ação humana, traduzida no cotidiano das diferentes comunidades históricas.

Enfim, a ética tem sua importância fundamental na vida humana a partir do momento que leva o homem e a mulher a agir de tal forma que sua ação no mundo proporcione uma libertação como ser racional tomando consciência de sua liberdade. A ética tem como função primordial apontar para algo que é parte constitutiva da essência humana: a coerência relacional tanto nas relações interpessoais, como nas relações institucionais. Ela (a ética) emerge com a intenção de revisar todas as realidades que negam a dignidade humana, na perspectiva de levar o homem-mulher a efetivar seu plano de conquista de sua humanidade.

4.2. A leitura de mundo e a participação cidadã

No cotidiano de sua sala de aula, o professor forma opinião, constrói conceitos, problematiza, cria, estimula, favorece e fomenta o diálogo. O professor com o aluno é um construtor de conhecimentos. Ele deve levar o aluno à consciência de que ele é um ser

inacabado, que sua realização está intimamente ligada à unificação de todas as pessoas. O ser humano não pode ser marcado apenas pelo restrito cumprimento dos deveres para com o Estado, ou simplesmente no direito de escolher seus representantes políticos, mas na busca responsável de mútua dignidade, na perspectiva de alcançar meios eficientes para a conservação, validação e ampliação de qualquer direito que por ventura venha a ser negado.

O professor é um educador que ensina para a cidadania. Para tanto é importante que este tenha a consciência de que precisa trabalhar no indivíduo a *leitura de mundo*, condição que fará o indivíduo se situar no mundo com ser construtor de seu próprio destino.

O indivíduo (o aluno, ou qualquer outra pessoa) tem que “se dar conta” dos problemas de sua época, das desigualdades que afetam e tornam populações inteiras cada vez mais distantes do acesso universal aos bens produzidos. A escola tem no seu interior alunos que sofrem a marginalização social e a marginalização cultural.

Presencia-se, hoje, a gravidade do problema do analfabetismo ou do analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina, da África, de um modo geral, nos países de Terceiro Mundo e, portanto, no Brasil. Percebe-se, que há um grande contingente de pessoas que não têm acesso à leitura, estão fora da escola ou não são capazes de construir uma visão de mundo adequada e com objetividade, colaborando desse modo para a configuração de uma sociedade desigual e estruturalmente estratificada. As estatísticas apontam o relevante número de pessoas que são condenadas a condições mínimas de vida e, portanto, impossibilitadas de viverem sua cidadania.

Ainda hoje, com toda a evolução de idéias e práticas no universo escolar, este ainda tem sido sinônimo de instrumento de discriminação social, tem refletido a realidade da apartação social, fenômeno que destrói a cooperação mútua, a co-responsabilidade e o progresso coletivo para todas as gentes, num plano de fraternidade social e necessária entre os semelhantes a fim de se preservar a vida e a dignidade humanas. A escola ainda não conseguiu superar e trabalhar totalmente as distorções sociais, pelo contrário tem acirrado o agravamento das desigualdades sócio-econômicas.

Muitos são relegados à condição de marginalizados, vivem dificuldades de toda a sorte. A escola pública, neste contexto, tem cumprido a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização. Os detentores do poder utilizam-se e insistem em apontar a continuidade de mecanismos autoritários, aprisionando e alienando as pessoas a fim de mantê-las na situação de não-liberdade. Nesse contexto, é necessário uma educação que não atenda

aos interesses das elites, mas que proporcione a todas as pessoas a participação livre, a sua emancipação e libertação integral.

Muito se tem a fazer para se garantir a construção de uma sociedade igualitária. Ora, diante de tal realidade o professor deve assumir sua missão transformadora de levar todos a um processo de conscientização social com vistas a uma mudança efetiva nas estruturas injustas da sociedade. Deve o professor sob pena de sua própria vocação ajudar os homens na construção de uma sociedade livre, mais humana e solidária, para que os marginalizados saíam de uma condição menos humana para uma condição mais humana. Deve conduzir o homem da falsa realidade à situação de liberdade. Ora, aqui, se impõe como indispensável uma educação realmente libertadora. Conduzir os homens a uma análise crítica e a uma consciência social de sua situação existencial, concreta e histórica de injustiça e opressão. E, como bem diz o grande educador pernambucano Paulo Freire: *A luta por esta reconstrução começa no auto-reconhecimento de homens destruído* (FREIRE, 1987, p. 55).

A ética e a cidadania são vitais na dinamização de um processo diferente e inovador na escola; esta última passa a superar as barreiras que impedem ao convívio democrático e que estão, por sua vez ligadas às muitas expressões de autoritarismo, de preconceitos, intolerância e abordagens pedagógicas inapropriadas. A ética contribui na fundamentação das ações humanas e, sua finalidade, portanto, é que o homem através de sua inteligibilidade possa encontrar-se enquanto tal e realizar-se como ser de dignidade e de valor inalienável. Nesse contexto, a escola carece da ética.

CONCLUSÃO

Constitui de grande importância a reflexão desenvolvida neste trabalho. É claro que se trata de uma contribuição diante dos inúmeros e importantes trabalhos desenvolvidos por estudiosos e educadores como Paulo Freire, Pelissari e outros.

A leitura deve ser proposta de maneira criativa e dinâmica, viva e atraente. Para a escola, a possibilidade de aprender a ler é uma evidência. O ensino da leitura mostra-se menos problemático. A escola, porém não pode mais repetir fórmulas, didáticas ultrapassadas para memorização mecânica de textos e trabalhar um texto desvinculado do contexto social e econômico do educando. O aprendizado de agora deve ser moderno, dinâmico e revolucionário, que traduza numa palavra o sentimento e a necessidade de libertação das pessoas. Ora, este é o verdadeiro sentido da leitura em nossas vidas.

A preocupação fundamental residuiu em desenvolver uma reflexão acerca da leitura, entendendo-a como um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação.

Uma das idéias básicas da nova compreensão de aprendizagem é que: a criança deve ser vista como *sujeito* do processo de construção da leitura. O educador não pode ser mais compreendido como o detentor do saber institucional sobre a leitura, ele é facilitador, alguém que ajuda no processo, tem uma intervenção positiva e transformadora, porque ajuda o sujeito que está aprendendo no itinerário para a autolibertação. A escola deve desempenhar um papel de suma importância ao transformar-se em interlocutora presente no cotidiano da criança, facilitando e agilizando o processo de construção da leitura (mesmo daquelas que, por serem provenientes de contextos sociais onde a leitura e a escrita praticamente inexistem, costumam *fracassar* na escola).

O professor deve ser motivador e facilitador do processo de aprendizagem da linguagem oral e escrita. Deve despertar nas crianças o interesse pela leitura, aprender não só a ler, mas a fazer uma *leitura crítica* de tudo na vida, uma interpretação social dos problemas e das situações cotidianas. A leitura crítica foge a sistematização de mera repetição de palavras, quer de livros, quer do mundo. Seu objetivo é a leitura do mundo concreto com o

uso do vocabulário cotidiano e o educando, para que juntos, educador e educando, se interajam numa troca de experiência e enriquecimento do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – Lei Federal nº 9394, em 20 de dezembro de 1996.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. *Bibliotecário escolar? Um educador?* Ver. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, [Florianópolis], v. 7, n.1. p. 107-123, 2002.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Educação para uma sociedade em transição*. Campinas: Papirus: 1999.
- DEMO, Pedro. *Politicidade: razão humana*. Campinas: Papirus, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 14a.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Conscientização: Teoria Prática da Libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª ed., São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Col. O mundo, hoje, v. 21).
- JOLIBERT, Josette e al. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MORAIS, José. *A arte de ler*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ática. 1995. (Coleção Série Religião e Cidadania).
- PELLISSARI, Maria Aparecida. *A cidadania como valor ético que integra a individualidade*. IN: *A condição cidadã*. Piracicaba, São Paulo. Ed. UNIMEP, 1995. Cap. 4, p. 1001-142.
- TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtivista*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2003.

APÊNDICE

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza exploratório - Na visão de Minayo (1996) o conhecimento é uma construção que se faz a partir dos outros conhecimentos sobre os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida. A pesquisa explorativa teve como finalidade desenvolver uma reflexão consistente sobre a prática pedagógica da leitura e sua importância, tanto no convívio histórico do indivíduo.

O método norteador deste trabalho foi dialético, o qual forneceu suporte para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, estabelecendo que fatos sociais não podem ser abstraídos de suas influências sociais, políticas e culturais.

Este estudo permitiu a discussão, o diálogo e inúmeras leituras sistemáticas de textos, livros e artigos sobre o assunto. Nesta pesquisa buscou-se elucidar os seguintes aspectos: a reflexão proposta sobre a prática pedagógica da leitura, tendo em vista o encaminhamento da leitura em sala de aula e algumas considerações teóricas sobre o ato de ler.

Na pesquisa de campo investigou-se através de algumas técnicas de coletas de dados como ocorre a prática de leitura e as estratégias usadas para trabalhar o projeto intitulado "Momento da Leitura" da Escola de Educação Básica Municipal Maria de Lourdes Pereira-cidade de Guaiúba.

Diante das idéias e dos resultados desses aplicativos de indagações, pode-se analisar o processo de ensino-aprendizagem antes e depois do projeto dentro e fora da sala de aula.

O estudo teve como campo de pesquisa a Escola de Educação Básica Municipal Maria de Lourdes Pereira que conta com 13 professores, dos quais 06 trabalham com os alunos de 1ª à 4ª série e os demais professores lecionam nas turmas de 5ª à 8ª. A pesquisa foi direcionada a alunos de 3ª à 4ª série do Ensino Fundamental. A escola que serviu de cenário para essa investigação está localizada na zona urbana do município de Guaiúba-Ce, à rua José de Castro Pereira, 903. A escola funciona com 8 salas de aula, uma biblioteca, uma secretária e 5 banheiros. As salas são arejadas com boa ventilação, existe também, uma quadra coberta em perfeitas condições destinada a recreação e atividades sócio-culturais.

O universo dos sujeitos compôs-se de professores que lecionam de 1ª à 4ª séries, núcleo gestor, alunos e pais. O motivo pelo qual trabalhou-se com esses sujeitos foi o fato de que os mesmos estão envolvidos direta ou, indiretamente, com projeto.

Dentre as técnicas de coletas de dados foram usados a entrevista semi-estruturada com os pais, alunos e aplicação de questionários para professores, núcleo gestor e alunos envolvidos nesse processo.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados. Através dela pode-se criar uma interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Divide-se em entrevista padronizada ou estruturada e semi-estruturada.

O questionário constitui uma das mais importantes técnicas para obtenção dos dados. Define-se como uma técnica de investigação composta por questões abertas tendo como objetivo o conhecimento de opiniões, sentimentos, interesses e expectativas de pessoas a cerca de um determinado assunto.

ANALISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Iniciou-se a análise questionando sobre a prática de leitura dos alunos antes e depois da implantação do projeto. Acredita-se que o projeto ensejou a oportunidade de um envolvimento do aluno com os livros. Os livros pareciam oferecer-se aos alunos, esperavam ser folheados e quem sabe acariciados, no entanto, eles apenas eram tocados e colocados de lado, não existindo interesse por parte dos alunos ou, quem sabe, não existia a familiaridade do leitor com os livros.

Outro aspecto elucidado no questionário refere-se a prática de leitura dos alunos antes e depois do projeto. Acredita-se que o projeto favoreceu a motivação para um melhor e maior envolvimento do alunado com os livros. Alguns reconhecem a importância do projeto e afirmam que, hoje na escola, alguns alunos vêem a leitura como algo interessante e desafiador, demonstrando interesse pela mesma. Antes do projeto a escola usava metodologias altamente tradicionais, passivas e tinham o livro didático como único recurso pedagógico. Com o surgimento do projeto, a leitura ganhou vida. Hoje, professores e alunos

vêm a leitura com outro olhar. Os alunos tornaram-se mais participativos e comunicativos. A escola tornou-se um lugar onde seus alunos desenvolvem a capacidade de se comunicar, pensar, criar e analisar o que se lê. Hoje existe um comprometimento maior na formação de leitores.

Também os professores foram indagados a respeito sobre a nota que eles atribuiriam ao projeto: verificou-se que 85% dos professores da Escola Maria de Lourdes Pereira, atribuíram nota 8,0. Apesar das mudanças obtidas com relação a prática da leitura, os professores têm consciência de que é necessário avançar, pois apesar do impacto significativo, entendem o projeto como um processo em implantação.

Cabe ressaltar que o projeto foi uma das exigências da secretaria de educação em Guaiúba, para que todas as escolas criassem seu projeto conforme sua realidade e necessidade. O fato é que a Escola Maria de Lourdes Pereira foi a primeira a criar seu projeto tornando uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Escola-PDE, planejamento estratégico que a escola desenvolve com a finalidade da melhoria da qualidade da escola. Com ele foi possível ampliar o acervo para os cantinhos de leitura.

Outro instrumento da escola que estimula aos alunos a refletirem sobre a necessidade da leitura e da escrita em suas vidas foi a construção do portfólio. Nessa atividade o aluno expressa o que sente, escrevendo sua própria história, retratada nas impressões e sensações do dia-a-dia vivida no âmbito escolar.

Uma entusiasta da escola é a diretora, Maria de Fátima Pires. Ela é responsável por monitorar as atividades e resultados e destaca o empenho da comunidade escolar e o envolvimento dos pais, que é de grande valia para um melhor desempenho dos alunos.

No tocante à análise da prática da leitura depois do projeto os gestores são unânimes de afirmar que a escola passou a trabalhar a “Pedagogia da Busca”, estão sempre criando novas formas diferenciadas e inovadoras para efetivar aprendizagem.

Na visão do núcleo gestor o projeto está comprometido com a transformação da escola, já que a leitura é umas das ferramentas indispensáveis ao sucesso escolar e a ascensão social, bem como a autonomia do cidadão. Por esta razão o projeto tem como objetivo ampliar os horizontes do imaginário, possibilitando a emancipação do leitor, a vivência da emoção, da fantasia, tanto dos alunos quanto dos professores. Por outro lado o projeto contribui para que ocorra mudanças nas concepções do que é a leitura e a escrita, defendendo a aprendizagem da leitura (assim como o da escrita), que deve ser realizada em situações reais, onde tenha uma função social concreta, tornando uma construção singular de cada sujeito.

Para os alunos, a chegada do projeto tornou as aulas mais dinâmicas, divertidas e prazerosas. Passaram a ter acesso a outras leituras e outras formas de trabalhar. Eles ao participarem das aulas de leitura têm-se simultaneamente um som ambiente (instrumental), música para tornar mais prazeroso o momento da leitura. Diante dos aspectos observados a cerca do projeto de leitura pôde-se constatar que a escola está no caminho certo, graças principalmente ao compromisso do núcleo gestor e de toda comunidade escolar que conduzem as ações da escola com dedicação, compromisso e firmeza em suas propostas de trabalho.

Quanto aos pais, estes já têm consciência da importância da prática de leitura e do que ela pode resultar na vida de seus filhos. Eles (os pais) passaram a ler e contar histórias para os filhos; uma das orientações do núcleo gestor.

Enfim, tem-se buscado trabalhar na perspectiva do sucesso escolar, de uma escola de qualidade e que garanta ao aluno que dela faz parte a oportunidade de aprender, mas também de socializar seus conhecimentos e experiências que são construídos no cotidiano de sua existência histórica e social.

Anexo I

Questionário I – Professores

1. Existe algum projeto de leitura em sua escola? Há quanto tempo?
2. Como funciona o projeto? Qual o objetivo desse projeto?
3. Quais as maiores dificuldades para implantar o projeto em sala de aula?
4. Quais as reações dos alunos frente ao projeto de leitura?
5. Que nota você dá ao projeto hoje? Por quê?
6. Como você analisa a prática de leitura antes e depois da implantação do projeto?
7. Quais as principais dificuldades encontradas por você no dia-a-dia em sala de aula frente ao projeto?

Anexo II

Questionário II – Núcleo Gestor

1. Qual o objetivo do projeto de leitura?
2. Como funciona o projeto de leitura na escola?
3. Quais as maiores dificuldades para implantar o projeto?
4. Quais as reações da Comunidade Escolar frente ao projeto?
5. Que nota você dá ao projeto hoje? Por quê?
6. Como você analisa a prática de leitura antes e depois da implantação do projeto?
7. Que contribuição o projeto trouxe de positivo para a escola?

Anexo III

Questionário III – Alunos

1. Existe algum projeto de leitura em sua escola? Há quanto tempo?
2. Qual a sua opinião sobre o projeto “Momento de Leitura”?
3. Que benefícios o projeto para sua vida estudantil?
4. Que nota você dá ao projeto hoje? Por quê?
5. Quantos livros você já leu? Cite alguns autores.